

I

Num entardecer de final de verão, antes de o século XIX ter cumprido o seu primeiro terço, um homem novo e uma jovem com uma criança ao colo aproximavam-se da aldeia de Weydon-Priors, no norte do Sussex, a pé. Trajavam com simplicidade, sem parecerem andrajosos, embora a grossa camada de poeira que se acumulara nas suas roupas e calçado, após uma jornada evidentemente longa, lhes desse de momento uma aparência pouco lisonjeira.

O homem era bem-apeçoado, de pele morena e ar severo; e mostrava de perfil um ângulo facial tão parcamente inclinado que era quase perpendicular. Vestia um casaco castanho de bombazina, mais novo do que o resto do seu traje, que consistia num colete de fustão com botões brancos, de chifre, calções no mesmo tecido, perneiras castanhas e um chapéu de palha revestido a lona preta e brilhante. Às costas trazia, preso por uma correia, um cesto de junco do qual espreitava o cabo de uma faca de feno, e também um gancho para atar medas. O seu passo, firme e cadenciado, era o de um trabalhador rural especializado, muito distinto do passo arrastado e incoerente do jornaleiro comum; ao mesmo tempo, havia no modo como levantava e assentava os pés uma espécie de indiferença cínica e obstinada, muito própria dele, que se revelava inclusive nas pregas que se formavam ora numa ora na outra perna, à medida que caminhava.

O que havia de mais peculiar, porém, nos dois caminheiros, e que teria chamado a atenção de qualquer observador casual, que doutro modo poderia nem reparar neles, era o perfeito silêncio que mantinham. Seguiam lado a lado numa atitude que, vista de longe, poderia sugerir o tipo de conversação íntima e natural das pessoas que têm muito em comum; mas, vistos mais de perto, percebia-se que o homem estava a ler, ou a fingir ler, uma balada de cordel, segurando a folha à

frente dos olhos, com alguma dificuldade, na mesma mão em que sustentava a correia do cesto. Se esta causa aparente era a verdadeira ou simplesmente um modo de evitar uma conversa que lhe poderia ser desaprazível, era algo que só ele poderia afirmar com precisão; mas a sua taciturnidade era inquebrantável, e a mulher não obtinha qualquer convívio da presença dele. Era como se percorresse a estrada sozinha, acompanhada apenas pela criança que levava ao colo. Às vezes o cotovelo do homem quase esbarrava no seu ombro, pois ela não guardava maior distância do que a necessária para evitar o contacto; mas não parecia interessada em tomar-lhe o braço, nem ele em oferecer-lho; e, longe de exhibir surpresa perante aquele silêncio, ela parecia encará-lo como uma coisa natural. Se alguma palavra foi trocada no seio do pequeno grupo, terá sido um ocasional sussurro da mulher para a criança — uma menininha de vestido curto e carapins azuis — e a balbuciada resposta desta.

O principal — quase o único — atrativo do rosto da jovem mulher era a sua mobilidade. Quando baixava os olhos para a criança, tornava-se bonita, e até bela, sobretudo porque, com o movimento, os seus traços capturavam de través os raios do colorido sol, que davam uma transparência às suas pálpebras e às suas narinas e lhe incendiavam os lábios. Quando seguia, no seu passo cansado, pela sombra de alguma sebe, em silenciosas cogitações, a mulher exibia a expressão empedernida e meio apática daqueles que supõem que tudo é possível às mãos do Tempo e do Acaso, exceto, talvez, a justiça. A primeira fase era obra da Natureza, e a segunda, provavelmente, da civilização.

Que os dois eram marido e mulher, e pais da criança ao colo, não podia haver grande dúvida. Nenhuma outra relação justificaria a atmosfera de fatigada familiaridade que sobre eles pairava, como uma nuvem, conforme prosseguiram estrada fora.

A mulher caminhava de olhos fixos à sua frente, embora com pouco interesse no que via — até porque a paisagem podia ser a de qualquer província inglesa naquela época do ano; uma estrada nem reta nem torcida, nem plana nem acidentada, marginada por sebes, árvores e outra vegetação, cujas folhas entravam naquela fase verde-escura que nelas fatalmente precede os tons ocres, amarelos e vermelhos. As ervas da berma e as flores dos arbustos estavam cobertas de poeira levantada por veículos apressados, a mesma poeira que jazia sobre a estrada e que amortecia como um tapete as passadas deles; e isto, juntamente com a mencionada ausência de conversa, tornava perceptível todo e qualquer ruído.

Durante muito tempo, tudo o que se ouviu foi uma ave de voz fraca entoando a sua velha e trivial canção crepuscular, a mesma que ao longo de séculos sem conta se deve ter ouvido naquela colina a essa hora, com os mesmíssimos trinados e gorjeios e breves, em qualquer pôr do sol da mesma estação. Mas, conforme se aproximavam da aldeia, ruídos de vozes ao longe chegaram aos seus ouvidos a partir de um qualquer ponto elevado, ainda oculto pela folhagem. Quando surgiram as primeiras casas de Weydon-Priors, a família cruzou-se com um aldeão que trazia uma sachola ao ombro, e pendurado no cabo desta o saco do farnel. O homem ergueu prontamente os olhos da balada.

“Há trabalho por aqui?”, perguntou fleumaticamente, apontando a aldeia à sua frente com a folha de papel. Pensando que o homem não o havia entendido, acrescentou: “Trabalho para um enfardador?”

O sachador de nabos já começara a abanar a cabeça. “Valha-me Deus, como é que você pode ter pensado que ia arranjar trabalho desses em Weydon nesta altura do ano?”

“E alguma casa pra alugar, há? Alguma casita construída há pouco, ou assim?”, perguntou o outro.

O pessimista preservou na negação: “Aqui em Weydon há mais demolição que construção. No ano passado foram abaixo cinco casas, e este ano três; e as pessoas sem ter pra onde ir — sem ao menos um telheiro de colmo pra se abrigar; em Weydon-Priors é assim que estamos.”

O enfardador, pois saltava à vista ser essa a sua profissão, acenou com um certo ar de superioridade. Voltando os olhos para a povoação, prosseguiu: “Mas há alguma coisa a acontecer na aldeia, não?”

“Sim, é dia de feira. Mas o barulho que você tá a ouvir agora é só dos que vive de esmifrar os tolos e a canalhada, porque o grosso do negócio foi de manhã. Todo o dia os ouvi, enquanto estava a trabalhar, mas nem passei por lá. Pra quê? Num tenho nada a fazer na feira.”

O enfardador e a sua família prosseguiram caminho, e em breve chegavam ao recinto da feira, deparando com barracas e com redis onde centenas de cavalos e ovelhas haviam sido exibidos e vendidos da parte da manhã, mas que estavam praticamente desertos agora. Tal como lhes dissera o seu informador, àquela hora já poucos negócios sérios se faziam, sendo o principal o leilão de alguns animais de qualidade inferior, que seria impossível despachar de outro modo e que haviam sido absolutamente recusados pelos negociantes de maior calado, que chegavam cedo e cedo partiam. A multidão, porém, era mais cerrada agora do que de manhã, pois chegara ao local o contingente de visitantes festivos, incluindo jovens jornaleiros de folga, um ou outro

soldado de licença, lojistas de aldeia e outros similares; pessoas cujas atividades achavam um campo afim nos espetáculos de estereoscopia, nas barracas de brinquedos, de figuras de cera, de sugestivos monstros, assim como nos desinteressados vendedores de panaceias que percorriam o país pelo bem público, além de burlistas, bufarinheiros e leitores da sina.

Nenhum dos nossos caminheiros estava com ânimo para essas coisas, e buscaram com os olhos uma tenda de comida, entre as muitas que salpicavam o recinto. Duas dessas tendas, as mais próximas deles, mostravam um aspeto igualmente convidativo, por entre a bruma ocre do crepúsculo. Uma delas tinha uma lona bege, novinha em folha, e flâmulas vermelhas no topo; anunciava “Boa Cidra e Cervejas Caseiras”. A outra era menos nova; via-se o tubo de ferro dum fogão a sair da parte de trás e à frente um cartaz que dizia “Boa Papa de Trigo — Vendeçe Aqui”. O homem ponderou mentalmente os dois letreiros e decidiu-se pela primeira tenda.

“Não, vamos antes à outra”, disse a mulher. “Sempre gostei de papas de trigo; e a Elizabeth-Jane também; e tu também vais gostar. Alimenta muito, depois dum dia longo e cansativo.”

“Nunca provei”, disse o homem. Contudo, cedeu à argumentação da mulher e entraram na barraca.

Descobriram que estava muita gente lá dentro, sentada a mesas estreitas e compridas dispostas ao longo das paredes. Ao fundo havia um fogão alimentado a carvão vegetal, sobre o qual pendia uma grande caldeira de três pernas, suficientemente polida no rebordo para se perceber que era de bronze. Ao caldeirão superintendia uma criatura com aspeto de bruxa e cerca de cinquenta anos de idade. Usava um avental branco, que, embora lhe desse um certo ar de respeitabilidade, era tão largo que quase dava uma volta completa à sua cintura. A mulher mexia devagar o conteúdo da caldeira. Por toda a tenda ouvia-se o contínuo raspar do seu colherão, com o qual procurava evitar que se queimasse a arqueológica mistela — à base de trigo em grão, leite, uvas-passas, groselhas e sabe-se lá que mais — que constituía o seu ganha-pão. Ao lado dela, sobre uma mesa de tábuas assentes em cavaletes e coberta por uma talha branca, viam-se as vasilhas com os ingredientes usados na preparação das papas.

O homem e a mulher pediram cada um o seu prato da fumegante mistura e sentaram-se para comer à vontade. A ideia tinha sido boa, pois as papas de trigo, como advertira a jovem esposa, eram um alimento tão bom e nutritivo como os melhores que por aí havia; embora,

para quem não conhecesse, os inchados grãos de trigo a boiar à superfície, grandes como pevides de limão, pudessem ter de início um certo efeito dissuasor.

Mas dentro daquela tenda havia mais do que poderia suspeitar um olhar desatento; e o homem, com o instinto de um caráter perverso, cheirou-o de imediato. Depois de um primeiro e desdenhoso ataque ao seu prato, o homem foi seguindo pelo canto do olho os gestos da bruxa e percebeu o jogo dela. Piscou-lhe o olho, e quando ela respondeu com um aceno, ele passou-lhe o prato; ela tirou então uma garrafa de debaixo da mesa, mediu discretamente uma dose do líquido e verteu-o no prato de papa. O líquido era rum. Com idêntica discrição, o homem pagou-lhe.

Assim fortemente regada, a mistura pareceu-lhe muito mais agradável do que no seu estado natural. A sua mulher observara o procedimento, com grande desassossego; mas ele convenceu-a a fazer o mesmo e, depois de certa hesitação, ela acedeu a uma pequena dose.

O homem esvaziou o prato e pediu outro, fazendo sinal para que se reforçasse a dose de rum. O efeito deste depressa se tornou visível na atitude dele, e a mulher compreendeu melancolicamente que evitara os baixios da loja de bebidas autorizada, só para cair no profundo remoinho dos contrabandistas.

A criança começou a tagarelar, impaciente, e a mulher disse para o marido, mais de uma vez: “Michael, e o sítio pra dormir? Sabes que se não formos depressa podemos não conseguir arranjar nada.”

Mas ele fez orelhas moucas a tais gorjeios. Falava alto para os convivas na tenda. Depois de um olhar lento e ruminante às candeias, quando estas foram acesas, os olhos negros e redondos da criança fecharam-se, voltaram a abrir-se, depois fecharam-se de novo e ela adormeceu.

Depois do primeiro prato, o homem ascendeu à serenidade; depois do segundo, tornou-se jovial; depois do terceiro, discutidor; e ao quarto, os atributos sugeridos pelas suas feições — o ocasional cerrar dos dentes e o fogo dos seus olhos escuros — começaram a revelar-se na sua conduta; mostrava agora uma conflitualidade dominante e brilhante.

A conversa encarrilou por temas sérios, como amiúde acontece nestas ocasiões. O assunto em debate era o modo como muitos excelentes rapazes se perdiam por culpa de más esposas, e, em particular, como jovens promissores tinham visto frustradas as suas altas esperanças, e extintas as suas forças, por via de casamentos prematuros e imprudentes.